

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE**

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198 O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-932-5

DOI 10.22533/at.ed.325212503

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Temos vivenciado, ao longo dos últimos anos, inúmeros ataques a Educação brasileira; investidas que têm ocasionado retrocessos. O contexto pandêmico alimentou essa crise que já existia, escancarando o quanto a Educação no Brasil acaba sendo uma reprodutora de desigualdades. As interferências externas e investidas do mercado tentam, a todo custo, subordinar a Educação e atividade docente a uma lógica neoliberal de produção (TARDIF; LESSARD, 2005). Nesse sentido, precisamos nos mobilizar e a **indignação e esperança** configuram-se como duas categorias importantes nesse processo.

Diante desse cenário, como dissemos, de muitos retrocessos, negacionismo e investidas neoliberais, não podemos nos furtar do debate político e social, tão importante nesse momento que vivemos destrato a Educação, sucateamento do trabalho docente e exclusão de estudantes, por exemplo. Como nos alertou Freire (2004, p. 28), para além de ensinar com rigorosidade metódica a sua disciplina, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Precisamos considerar esses elementos sociais e políticos necessários no movimento de formar cidadãos indignados e esperançosos que desconstruam os discursos fatalistas.

É nessa direção que o volume de “**O Campo Teórico-metodológico-epistemológico da Educação no Fomento da Questão Política da Atualidade**”, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e do (re)pensar o campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente. Este livro reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados e regiões e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, democracia, humanização, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, avaliação entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse volume são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos uma produtiva, indignante e esperançosa leitura!

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DECOLONIZACIÓN DEL PENSAMIENTO. ALTERNATIVAS PARA LA CONSTITUCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD	
Jorge Hernán Betancourt-Cadavid	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.3252125031	
CAPÍTULO 2	14
DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E DIREITO À EDUCAÇÃO EM TESES DE DOUTORADO	
Laélia Portela Moreira	
Elizabeth da Silva Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.3252125032	
CAPÍTULO 3	21
EDUCAÇÃO ESCOLAR E DEMOCRACIA: ENTRAVES E PERSPECTIVAS	
Rodolfo Augusto Rodrigues	
Rosineide de Andrade Rocha	
Jane Aparecida Meneguelli Nery	
Fernanda Campos do Prado	
DOI 10.22533/at.ed.3252125033	
CAPÍTULO 4	35
A UTILIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS EM SALA DE AULA PARA A PROMOÇÃO DA AUTONOMIA E O PROTAGONISMO DO EDUCANDO	
Joseane de Brito Bezerra Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.3252125034	
CAPÍTULO 5	44
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DOCENTE – A INFLUENCIA DO PENTECOSTALISMO NO PRECONCEITO RACIAL E RELIGIOSO ESCOLAR	
Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3252125035	
CAPÍTULO 6	57
ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA/RR	
Adelson Pereira de Sousa	
Maria Selma Cavalcante de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3252125036	
CAPÍTULO 7	76
DOS LIVROS AS LEIS: O RACISMO E SUAS MÚLTIPLAS FACES NA EDUCAÇÃO	
Vanessa Cristina Lourenço Casotti Ferreira da Palma	

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Rosana Andrade de Jesus
DOI 10.22533/at.ed.3252125037

CAPÍTULO 8..... 87

A VISÃO DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias
Poliana Campos Côrtes Luna
Liliane Barreto Alves
Moniki Aguiar Mozzer Denucci
Daniele Fernandes Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3252125038

CAPÍTULO 9..... 99

AS VIVÊNCIAS DE UMA CRIANÇA COM DISLEXIA NOS ANOS 70

Clariane do Nascimento de Freitas
Ana Carolina Michelin Silveira
Fabiane Adela Tonetto Costas

DOI 10.22533/at.ed.3252125039

CAPÍTULO 10..... 105

A SELEÇÃO, A AVALIAÇÃO E A RETOMADA DOS CONTEÚDOS NA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES DA PRÁXIS DOCENTE PARA O TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO – PREPARATÓRIO PARA O ENEM

Lidiane Cossetin Alves
Saliza Menegat

DOI 10.22533/at.ed.32521250310

CAPÍTULO 11..... 118

A MUSICALIZAÇÃO NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Bruna Bittencourt Carvalho
Maralice Maschio

DOI 10.22533/at.ed.32521250311

CAPÍTULO 12..... 131

AFETIVIDADE COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E AS RESSONÂNCIAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA WALLONIANA

Ricardo Francelino
Alonso Bezerra de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.32521250312

CAPÍTULO 13..... 144

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Francinne Gonzalez Andrioni

Marina Lemos Villardi

DOI 10.22533/at.ed.32521250313

CAPÍTULO 14..... 151

ENSINO DE QUÍMICA PARA SURDOS: ELABORAÇÃO DE UM SINALÁRIO COM TERMOS EM LIBRAS

Alice Menezes Pessoa

Karolyn Rabech Silva Simão

Lorena Melo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.32521250314

CAPÍTULO 15..... 160

TRABALHOS ACADÊMICOS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DE UMA CURIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA

Mariana Cordeiro Gadanha

Sandra Helena de Souza

Irvina Leite de Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.32521250315

CAPÍTULO 16..... 166

A PERCEPÇÃO DOS NATIVOS DIGITAIS SOBRE AS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA

Licie Stintia Fresta Lopes

Dayse Cristine Dantas Brito Neri de Souza

DOI 10.22533/at.ed.32521250316

CAPÍTULO 17..... 173

OS PONTEIROS DA INFÂNCIA NO RELÓGIO DE UMA ESCOLA DE CRIANÇAS EM URUÇUI

Vanessa Oliveira Silva

Denise Hosana de Sousa Moreira

Pedro Martinho Sobrinho Mendonça

Dariane de Sousa Moraes

DOI 10.22533/at.ed.32521250317

CAPÍTULO 18..... 183

O CURRÍCULO INTEGRADO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O TRABALHO DOCENTE

Letícia Ramalho Brittes

Cléber Lixinski de Lima

DOI 10.22533/at.ed.32521250318

CAPÍTULO 19..... 195

CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO MÉDIO: A BNCC E A REFORMULAÇÃO CURRICULAR DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE ALAGOAS

Carlos Henrique Araújo de Oliveira

Sara Souza Pereira

Siquele Roseane de Carvalho Campêlo

DOI 10.22533/at.ed.32521250319

CAPÍTULO 20	206
EDUCAÇÃO MUSICAL NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE/RS: UMA PESQUISA DOCUMENTAL Cristina Rolim Wolffenbüttel DOI 10.22533/at.ed.32521250320	
CAPÍTULO 21	214
A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA Géssica de Sousa Macedo DOI 10.22533/at.ed.32521250321	
CAPÍTULO 22	225
OFICINAS DE BIBLIODRAMA EM FAVOR DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO INTEGRAL HUMANA Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana DOI 10.22533/at.ed.32521250322	
CAPÍTULO 23	235
ESCOLAS MILITARIZADAS: GESTÃO E DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA Magalis Bésseer Dorneles Schneider DOI 10.22533/at.ed.32521250323	
CAPÍTULO 24	244
O POLO UAB CUIABÁ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA EAD NO ESTADO DE MATO GROSSO Elizabeth Regina Rossetto Carlos Alberto Caetano Márlon Zambotto de Lima DOI 10.22533/at.ed.32521250324	
CAPÍTULO 25	255
REVISÃO E REELABORAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP, DA ESCOLA MUNICIPAL EMÍDIO CORREIA DE OLIVEIRA SÃO JOÃO - PERNAMBUCO Roberto da Silva DOI 10.22533/at.ed.32521250325	
SOBRE O ORGANIZADOR	266
ÍNDICE REMISSIVO	267

OS PONTEIROS DA INFÂNCIA NO RELÓGIO DE UMA ESCOLA DE CRIANÇAS EM URUÇUÍ

Data de aceite: 22/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Vanessa Oliveira Silva

Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Uruçuí – PI
<http://lattes.cnpq.br/4954712818848032>

Denise Hosana de Sousa Moreira

Universidade Estadual do Piauí
Uruçuí – PI
<http://lattes.cnpq.br/7414046843878756>

Pedro Martinho Sobrinho Mendonça

Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Uruçuí – PI
<http://lattes.cnpq.br/8017512368779840>

Dariane de Sousa Moraes

Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Uruçuí – PI
<http://lattes.cnpq.br/7360268638327298>

RESUMO: Há um conceito de infância de que o seu tempo transcende aos limites do espaço escolar, o que sugere o estudo das possibilidades de combinação entre criança, infância e escola. Nesta abordagem, a atenção foi dirigida ao controle do tempo das crianças dentro da escola. O objetivo foi de compreender o sentido do tempo da infância em escolas da educação infantil onde realizamos nossa prática pedagógica. O objeto do estudo foram os planos de atividades elaborados pelas professoras. O campo de investigação correspondeu a uma escola da rede

pública municipal. A opção metodológica foi a análise documental por meio do embasamento em teorias que consideram o tempo da infância como importante para o desenvolvimento integral da criança. Os resultados revelaram um modo de tratar a infância dissociado da evolução dos estudos sobre a criança, uma vez que ocorria uma significativa alienação do seu tempo livre, bem como uma apropriação equivocada do ato de brincar, visto que as brincadeiras eram previamente organizadas pelas professoras e as atividades lúdicas estavam planejadas para ocorrerem em apenas dois dos cinco dias da semana escolar. A conclusão do ininterrupto controle do tempo das crianças sugeriu a necessária continuidade deste estudo em direção ao entendimento delas acerca dessa limitação e aos elementos justificadores da atitude adotada pelas professoras que possuíam autonomia para decidir sobre as atividades lúdicas aplicadas no interior de suas salas de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Criança, Tempo Livre, Escola.

THE TIME OF THE CHILDHOOD ON THE CLOCK OF A CHILDREN'S SCHOOL IN URUÇUÍ

ABSTRACT: There is a concept of childhood that its time transcends the limits of the school space, which suggests the study of the possibilities of combining child, childhood and school. In this approach, attention was directed to controlling children's time in school. The objective was to understand the meaning of childhood time in early childhood schools where we carry out our pedagogical practice. The object of the study

was activity plans prepared by the teachers. The investigation field corresponded to a school in the municipal public network. The methodological option was the documentary analysis based on theories that consider childhood time as important for the integral development of the child. The results revealed a way of treating childhood dissociated from the evolution of studies on children, since there was a significant alienation of their free time, as well as a misappropriation of the act of playing, since the games were previously organized by teachers and recreational activities were planned to take place on only two of the five days of the school week. The conclusion of the uninterrupted control of the children's time suggested the necessary continuity of this study towards their understanding of this limitation and the elements that justify the attitude adopted by the teachers who had autonomy to decide on the playful activities applied inside their classrooms.

KEYWORDS: Childhood, Child, Free time, School.

INTRODUÇÃO

Estudos consideram o tempo da infância das crianças como importante para o seu desenvolvimento integral. Mas, afinal de contas qual seria o tempo da infância? O termo sugere haver um tempo no qual as crianças exerceriam suas infâncias. Tendo a infância como uma construção, em outras palavras, o tempo seria aquele em que as crianças estariam livres para a produção e o compartilhamento de crenças e valores próprios de suas culturas.

A valorização do tempo livre antecede aos estudos das infâncias das crianças. Nos primórdios da civilização, o ócio correspondia ao tempo livre destinado à criação. Na Grécia antiga, esse tempo era fundamental para regenerar as forças, impulsionar o novo, dar alento ao espírito, cultivar o conhecimento e a virtude. Enfim, o “tempo livre”, era destinado à ocupação com a própria existência, com a amizade e o bem comum (Ferrarine, Queiroz e Salgado, 2016).

Este estudo consiste na continuidade de uma investigação iniciada em 2016, durante as práticas no curso de Pedagogia. Nesse tempo, foi possível perceber o modo com que as crianças exploravam o intervalo entre as aulas. A realidade observada fez emergir a curiosidade acerca do modo como estavam estruturadas as atividades livres das crianças e resultou na elaboração de um projeto de pesquisa com o objetivo de compreender o sentido escolar do tempo da infância através dos seus planos de atividades.

Em linhas gerais, o estudo buscou identificar o nível de aproximação entre a evolução dos estudos sobre as crianças escolares e suas infâncias, ou seja, sobre concepções acerca do propósito do brincar e a condução escolar de suas práticas cotidianas. Em outras palavras, foi para uma avaliação escolar dos direitos das crianças que se voltou o presente estudo.

Conforme destaca Sarmiento (2011), as crianças devem ser compreendidas como sujeitos de direitos e não mais como indivíduos pré-sociais. A visão evolucionista da

criança tem origem no iluminismo surgido no início da idade moderna, quando a luta em sua defesa era travada contra a sua exploração no mundo do trabalho. Entretanto, a ciência avançou para além desse embate em direção não apenas à sua proteção, mas também à sua emancipação social a partir do respeito às suas culturas de infância, expressas por meio de sua linguagem lúdica. Portanto, o respeito aos direitos das crianças corresponde à valorização do seu tempo de infância. Um tempo para o qual ela dedica toda a sua atenção em torno do ato de brincar.

Segundo Benjamin (1987), a brincadeira é o princípio de todos os hábitos e auxilia no desenvolvimento de todas as ações dos pequenos. Segundo ele, “é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos” (BENJAMIN, 1987, p. 253). Segundo o filósofo, hábitos como comer, dormir, vestir-se e lavar-se são internalizados pelos pequenos através de brincadeiras, e para concluir, o autor destaca que a partir da brincadeira, nasce o hábito.

O referencial teórico utilizado para embasar a pesquisa foi constituído por autores dedicados ao estudo da relação entre criança, infância e escola, dos quais foram destacados para compor esta exposição Elias (1998), Nídio (2012) e Arroyo (2017). A escolha por esses autores decorreu da complementariedade entre suas abordagens. Para esses autores, o tempo da infância seria o tempo de brincar. Mas, afinal, onde está esse tempo? O que as escolas fizeram dele? Qual o sentido do tempo da infância e como pode ser compreendido através do planejamento das atividades cotidianas das crianças?

METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo de compreender o sentido do tempo da infância em escolas públicas no Piauí, foi selecionada, como campo de investigação, uma escola de Educação Infantil frequentada por crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos de idade. A recolha de dados ocorreu durante o período de realização da prática no curso de Pedagogia e está inserida num projeto acadêmico de pesquisa em Sociologia da Infância, iniciado em 2016. A execução da recolha foi precedida da autorização da direção, da coordenação e do corpo docente da escola.

O objeto de estudo escolhido para análise correspondeu aos planos de atividades elaborados pelas professoras. Em decorrência desse objeto, a metodologia aplicada foi a análise documental. Para Gil (2002), entre as vantagens da pesquisa documental está a estabilidade e a impessoalidade de dados disponíveis a qualquer tempo, para consulta e revisitação a essa fonte de informação.

Os dados recolhidos foram submetidos a uma análise fundamentada nas concepções do tempo da infância desenvolvidas nos estudos de Elias (1998), Nídio (2012) e Arroyo (2017), como base teórica principal, além da comparação com resultados de outras pesquisas de campo sobre o assunto. A delimitação bibliográfica básica decorreu da

relação de complementariedade observada na abordagem dos autores acerca da criança e da importância dada ao tempo da infância nas suas práticas cotidianas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao discorrer sobre o caráter formador da escola, alguns teóricos destacam o tempo escolar como parte integrante da formulação de regras e imposição de normas civilizatórias para as crianças em geral. O controle do tempo é, pois, um dos marcos da modernidade.

Conforme Elias (1998), o tempo não pode ser percebido pelos sentidos. É algo invisível e simbólico. Por isso, também não pode ser medido pelos relógios. Nas palavras do autor, aquilo que os relógios mensuram

[...] não é o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado, como a duração de um dia de trabalho ou de um eclipse lunar, ou a velocidade de um corredor na prova dos cem metros. (ELIAS, 1998, p.7).

Para o autor, a determinação do tempo e a operação de datá-lo por meio de calendários, acontece através da união entre sujeito e objeto ou, mais precisamente, entre homem e símbolos (relógio, horas, minutos, calendários, dias, meses, anos...). Em meio a essa diversidade de mecanismos de contagem, reside o caráter coercitivo vivenciado desde a infância dentro das instituições sociais das quais a criança faz parte. Na falta de reflexão do tempo como um instrumento a ser questionado, o autor considera que

Numa sociedade assim, o conceito de tempo não é objeto de uma aprendizagem, em sua simples qualidade de instrumento de uma reflexão destinada a encontrar seu resultado em tratados de filosofia; ao crescer, com efeito, toda criança vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. (ELIAS, 1998, p. 14)

A rendição do homem as formas simbólicas de medição do tempo é, portanto, submissão a uma invenção, uma criação possível de ser interpretada somente por aqueles que entendem sua linguagem. Por sua vez, os que não a conhecem não a utilizam. No entanto, apesar de não as compreenderem, muitas crianças são submetidas a esse invento desde o início de sua infância.

De acordo com Nídio (2012), os tempos do tempo das crianças não estão regulados apenas dentro das instituições escolares, mas principalmente fora delas, fazendo do tempo escolar o pivô em torno do qual passam a girar todos os demais. Em uma pesquisa de campo realizada em Portugal, o teórico observou que, a partir da entrada da criança na escola, toda a sua vida cotidiana passava a funcionar de acordo com o relógio escolar, desde a hora de dormir, acordar, das refeições e das brincadeiras que, na maioria das vezes, só começavam após a conclusão das tarefas escolares feitas em casa.

Arroyo (2017) descreve os tempos escolares como tempos organizados por uma

lógica rígida, gradeada, disciplinada, pautada na crença de que tudo é previsível, que o futuro é certo e que a sequenciação é indispensável. O autor salienta, ainda, que a divisão desse tempo é feita, na maioria das vezes, de forma isolada e individual para atender a um sistema. Essa lógica não leva em conta, muitas vezes, o tempo dos sujeitos envolvidos.

Para Arroyo (ibidem), a construção de um tempo que não se conjugue com os tempos dos sujeitos, pode contribuir para agravar o número de evasões, repetências, indisciplinas, agressividades e para aumentar o distanciamento entre educandos e educadores. Segundo o sociólogo, a sensibilidade docente e pedagógica, quando voltada para os sujeitos da ação educativa, educando e educadores, possibilitaria a instauração de um novo trato do cotidiano escolar. Com isso, seria possível reinventar os seus percursos temporais, a dinâmica do trabalho docente e instaurar um novo olhar sobre os problemas de aprendizagem. Em suma, o teórico identifica a sensibilização do olhar do adulto como um dos requisitos indispensáveis para a aproximação e conjugação dos tempos entre sujeito e escola. No entanto, ele evidencia que o olhar mais atento aos educandos, tenderia a desestabilizar os fundamentos de uma das tradições mais enraizadas da cultura política e social, docente e escolar.

Além dos teóricos que tratam do tempo da criança escolar na atualidade, cabe considerar resultados de pesquisas de campo realizadas no Brasil capazes de possibilitar uma aferição das contribuições do presente estudo para a evolução das discussões sobre o assunto no país. Para esta exposição, foram destacados os trabalhos de: Sarat e Rodrigues (2014), sobre o tempo de escolarização e civilidade na literatura brasileira; Santi (2012), com o estudo teórico embasado nas concepções de Walter Benjamin sobre a educação, a escola e a infância; Ferrarine, Queiroz e Salgado (2016), sobre o tempo e o espaço de crianças na escola; Sousa (1999), sobre os tempos da infância e os tempos escolares em uma escola de São Paulo; e, por último, Fantoni e Sanfelice (2018), com pesquisa sobre o trabalho e o espaço no tempo escolar.

Sarat e Rodrigues (2014), em seu estudo sobre o tempo de escolarização e civilidade de crianças na literatura brasileira à luz das teorias de Norbert Elias, salientam que, juntamente com a lembrança da infância, é comum vir à mente um tempo de ser criança diferente do tempo marcado pelo relógio ou pelo calendário. O tempo mensurado por meio de relógio e calendário é definido pelos autores como cronos, um tempo característico do mundo adulto, de obrigações cotidianas. Associada à essas lembranças, estão os espaços de convivência em grupos sociais, como a família, a escola, a igreja e a vizinhança. Por último, entrelaçadas a essas lembranças estão a ludicidade e as aprendizagens. De acordo com os autores, estes elementos fazem parte de um determinado processo histórico e cultural marcado por um tempo cronológico ligado a uma determinada cultura e a um determinado grupo social.

Os autores consideram, ainda, que o tempo do brincar da criança é controlado por adultos e a regulação do tempo escolar envolve a divisão de três aspectos: tempo

de brincar; tempo de estudar; e tempo de conviver. Entre os elementos institucionais mensuradores do tempo da criança, destacam o sino, o relógio e a ordem ditada pelos adultos, os quais, geralmente visam ensinar o controle e o sentido do tempo. Concluem que o processo de escolarização das crianças, ocorrido entre os séculos XIX e XX, foi o marco indispensável para a sua separação do mundo dos adultos. A solidificação de uma civilidade infantil desejada, esperada e criada pelos adultos teve o controle do tempo da criança como elemento principal.

Santi (2012) desenvolveu um estudo sobre a educação, a escola e a infância embasado em pensamentos, teorias e ensaios do sociólogo e filósofo Walter Benjamin. Em seu trabalho, a infância é destacada como representativa da descontinuação de um tempo entendido como vazio e cronológico, em detrimento de um tempo “artístico” e de “dias feriados”. Para a autora, a educação tradicional tende a formar a criança para o tempo cronológico e linear. No entanto, a infância corresponde a um tempo presente, um tempo de agora e, por não estar ligada ao tempo contabilizado, torna a sua suspensão uma repetição mecanizada. Sua conclusão é a de que a educação escolar deveria voltar sua agenda para investir em um tempo intensivo, baseado nas surpresas e naquilo que é inusitado. Por fim, a autora destaca a educação pensada como um encontro intensivo entre coisas e pessoas, livre, inédito e aberto para o radical e para o tempo presente.

Na sua pesquisa em uma escola pública paulista sobre os tempos de infância e a ordenação do tempo escolar no final do século XIX e XX, Sousa (1999) mostra como o tempo é constitutivo de uma ordenação que se experimenta e se aprende na escola. Para a realização do seu estudo, foram utilizadas fontes documentais: a legislação e os textos oficiais da administração de uma escola. Dentre os resultados encontrados pela autora, o primeiro está ligado a formulação política do tempo escolar ordenado e pautado por aspirações de uniformização e controle presentes na obrigatoriedade do ensino, na frequência, na duração do curso primário e na jornada escolar. O segundo resultado está relacionado à organização pedagógica e disciplinar do tempo na escola. A esse respeito, a pesquisadora destaca a ordenação minuciosa do emprego do tempo, a sua racionalização curricular, bem como a seleção e distribuição do conhecimento por séries, aulas, lições e definição de horários.

Ferrarine, Queiroz e Salgado (2016) abordam o tempo, o espaço e a infância de crianças na escola utilizando, para tanto, a visão das crianças. As autoras incluem no estudo as teorias sobre tempo e progresso, tempo e constituição da identidade e a relação entre tempo e escola, destacada por teóricos clássicos como Agamben, Elias, Benjamin, Lloret, Arroyo e outros. Em seu estudo, a infância é colocada em evidência como meio para fomentar a discussão sobre o tempo cronológico ordenado e associado a uma ideia de progresso e racionalidade. Conforme as autoras, a infância é tida como um tempo lacunar de preparação para o futuro. Essa visão é adotada pela escola ao utilizar seu caráter normatizador para determinar o quê, quando e como se deve aprender. Corresponde a uma

ideologia que fragmenta o ensino na medida em que contribui com uma visão linear da vida dividida em etapas.

Ainda, segundo as autoras (ibidem), há um espaço de tensões entre o tempo tido como produtivo e o tempo livre na escola. Para a escola, o tempo produtivo é o tempo no qual as crianças estão ocupadas em aprender e este tende a se sobrepor ao tempo livre. No entanto, destacam que, apesar do controle do tempo e espaço das crianças nas escolas, elas conseguem transpor o mundo ordenado e controlado pelos adultos quando lhes são dados tempos e espaços. Segundo as autoras, cabe aos adultos uma sensibilização do olhar frente às singularidades dos educandos para promover uma ruptura do rígido controle do tempo escolar que coloca crianças e adolescentes como alvos dos investimentos educacionais.

Por fim, Fantoni e Sanfelice (2018) buscaram analisar e interpretar o recreio na rede pública de ensino de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e relacionar com o brincar no tempo/espaço escolar. A metodologia adotada envolveu uma pesquisa qualitativa com enfoque descritivo e interpretativo, embasada nas contribuições de Brougère, Corsaro, Silva, Portilho e Tosatto. Através dos resultados obtidos, constataram que a maioria das escolas da rede de ensino público não ofereciam possibilidades e estratégias para facilitar o brincar durante o recreio. Os autores também perceberam o recreio como espaço/tempo institucionalizado pela escola e não como espaço/tempo para a construção da infância a partir do brincar e, apesar do recreio ser um tempo caracterizado por sua liberdade, este era integrado ao tempo escolar, e por isso, não isentava a escola de planejar e mediar este espaço.

A partir dos levantamentos feitos até aqui, coube averiguar as semelhanças e diferenças com os resultados obtidos neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento do “Tempo por Atividade Escolar”, feito com base nos documentos da escola observada, revelaram um tempo de brincar partilhado com outras atividades realizadas em um limite de 20 minutos diários. Nesse tempo, as crianças tinham que merendar, brincar, ir ao banheiro e beber água.

Com uma periodicidade de duas vezes por semana, estavam previstas nos planos de aula das professoras, brincadeiras dirigidas, como rodas, contação de histórias e outras propostas para serem feitas com e para as crianças. Este dado sugeriu a incoerência de tempo livre para as crianças em quantidade considerável, significativa, destinado a atividades sem a interferência ou condução das professoras.

Para além dos limites temporais propostos, cabe considerar, outros símbolos indicativos do controle do tempo das crianças observados no ambiente escolar durante a recolha de dados, como, por exemplo, o desenho de um relógio com figuras sobre

os números, as quais representavam cada momento da rotina escolar, onde estavam especificados os horários para:

- a. entrada na escola;
- b. realização das atividades de sala;
- c. contações de histórias;
- d. brincadeiras dirigidas;
- e. intervalo entre as atividades de sala;
- f. retorno às tarefas de classe, individuais e coletivas; e
- g. saída da escola.

O relógio simbolizava um tempo controlado pela máquina em detrimento das necessidades do corpo. O relógio fixado na parede expunha a vida fragmentada em frações de tempo, como se uma atividade não pudesse interferir na outra e, ainda, como se todo o tempo existente devesse estar previamente planejado. Essa concepção moderna de aproveitamento do tempo contribuiu para transformar em inútil todo o ócio considerado, desde a antiguidade, como um tempo criativo.

Os dados revelaram a incompatibilidade existente entre a realidade observada e teorias acerca das crianças, pois ignoravam o que os teóricos consideram como importante para o seu desenvolvimento: o tempo livre para brincar.

Para Vasconcellos (2008), o brincar possibilita à criança diferentes formas de expressão, comunicação e reelaboração de suas experiências. Além disso, o brincar permite à criança o seu autorreconhecimento como indivíduo pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, onde é capaz de aprender sobre si, sobre o outro e sobre suas relações com o mundo, o que por conseguinte, resulta no entendimento dos significados culturais do meio ao qual está inserida e na construção de sua autonomia. No entanto, apesar de sua importância, o tempo da brincadeira no âmbito escolar é, segundo a autora, limitado por mecanismos destinados ao seu controle:

[...] a brincadeira é reservada a restritos espaços e tempos organizados na rotina escolar, como o recreio, os cantinhos de faz-de-conta, casinhas de boneca e/ou atividades dirigidas que a utilizam como recurso didático. (VASCONCELLOS, 2008, p. 87)

Portanto, é possível perceber que o controle e a limitação do brincar na escola está não apenas no tempo, mas também nas criações realizadas pelos adultos para as crianças e nas atividades dirigidas com a utilização dos recursos didáticos. Os dados revelaram, assim, uma concepção de infância dissociada da evolução dos estudos sobre a criança, uma vez que ocorria uma expressiva alienação do seu tempo livre, bem como

uma apropriação equivocada de concepções acerca do propósito do brincar, visto que as brincadeiras eram previamente organizadas pelas professoras, assim como indicava uma prática pedagógica desprovida de ludicidade, já que as atividades lúdicas estavam preestabelecidas nos planos para dois dias semanais.

Do mesmo modo como foi observado por Fantoni e Sanfelice (2018), a escola não oferecia possibilidades ou estratégias facilitadoras do livre brincar durante o recreio. Conforme os resultados da pesquisa de Ferrarine, Queiroz e Salgado (2016), os planos de atividades sugeriram o entendimento de uma infância tida como um tempo lacunar de preparação para o futuro. Repetiu-se o observado por Sousa (1999) em sua pesquisa no que diz respeito a ordenação minuciosa do emprego do tempo, compreendendo à sua racionalização curricular e à seleção e distribuição do conhecimento por séries, aulas, lições e horários definidos.

As semelhanças observadas entre os estudos anteriores e os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram, portanto, uma universalização da desconsideração às especificidades da infância, como a necessidade de sua livre expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao constatar o controle ininterrupto do tempo da criança na escola considerada, este estudo alcançou o seu objetivo de compreender o sentido do tempo da infância implícito nos seus planos de atividades lúdicas. Tal controle visava tornar o tempo integralmente útil aos propósitos educacionais. Portanto, se comparada a outras atividades escolares, a brincadeira foi, neste sentido, considerada como atividade inútil. Entretanto, se o lazer tem a função de possibilitar ao sujeito o descanso, a diversão e o desenvolvimento pessoal, os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram o descaso escolar para com a prática do brincar livre, ou seja, para com o tempo da criança, considerado fundamental por teóricos da infância.

A opção metodológica adotada na realização deste estudo se mostrou adequada aos seus propósitos. Entretanto, a inclusão de justificativas das professoras para os planejamentos, do modo como se apresentaram dispostos nos documentos escolares, poderão trazer à luz o seu entendimento acerca das necessidades pessoais e sociais das crianças, de suas culturas de infância e dos riscos de sua negação. As justificativas para o cerceamento do tempo da infância, poderão fomentar reflexões acerca dos motivos para a sua negação. Ademais, o controle ininterrupto do tempo sugere, ainda, a busca pelo entendimento das próprias crianças acerca dessa limitação, de modo a consolidar o atendimento ao seu direito de voz.

Os resultados obtidos com esta pesquisa revelam desacordo entre as atuais teorias da infância e as normas escolares, ao mesmo tempo em que apresentaram semelhanças com os estudos anteriores acerca do mesmo assunto. O quase ininterrupto envolvimento

de crianças em atividades programadas dentro da escola indicou a ocorrência de uma universalização da desconsideração às especificidades da infância. Caberia, portanto, promover a atualização das instituições escolares através da revisão dos propósitos de formação integral da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FANTONI, A. de C.; SANFELICE, G. R. TEMPO E ESPAÇO PARA BRINCAR: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO RECREIO ESCOLAR. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, V.11, P. 169-186, 2018.

FERRARINI, A. R. K. et al. Infância e Escola: tempos e espaços de crianças. **Educ. Real**, V. 41, P. 1027-1048, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NÍDIO, A. **O tempo das crianças e as crianças deste tempo**. Braga: Universidade Uminho, 2012.

SANTI, A. M. Walter Benjamin: tempo de escola - tempo de agora. Prolegômenos para uma educação para dias feriados. **Educ. Soc.**, V. 33, P. 205-216, 2012.

SARAT, M. C. O.; XAVIER, N. R. Tempo de escolarização e civilidade da criança na literatura brasileira. **Propuesta educativa**, V. 41, P. 81-88, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de pesquisa em educação**, V. 6, P. 581-602, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). **Educ. Pesqui.**, V. 25, P. 127-143, 1999.

VASCONCELLOS, T. **Reflexões sobre Infância e Cultura**. Niterói: EdUFF, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações afirmativas 14, 15, 18, 19, 20, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Aprendizagem 33, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 54, 60, 61, 64, 68, 70, 71, 79, 88, 89, 91, 97, 100, 101, 103, 104, 108, 110, 116, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 141, 142, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 184, 186, 192, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 230, 237, 245, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265

Autismo 87, 89, 90, 97, 262

Auxílio 42, 88, 94, 147, 151, 153

C

Capacitação 47, 48, 55, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 121, 124

Concepção pedagógica 57

Construção 17, 22, 32, 37, 39, 43, 53, 54, 56, 58, 60, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 79, 85, 96, 103, 106, 114, 120, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 147, 151, 153, 155, 160, 161, 162, 164, 165, 167, 171, 174, 177, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 188, 192, 195, 197, 198, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 226, 230, 236, 237, 240, 246, 252, 255, 256, 258, 259, 265

Criança 53, 54, 88, 89, 92, 98, 99, 100, 102, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 198, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 239

Curiosidade 160, 162, 164, 174

Currículo integrado 183, 184, 192, 193

D

Decolonización 1, 6

Democracia 10, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 31, 33, 34, 66, 74, 79, 143, 163, 194, 240, 243, 258

Democratização do ensino 20, 21, 28, 30, 33

Direito à educação 14, 19, 34, 152

Dislexia 99, 100, 101, 102, 103, 104

E

Ead 244, 247, 250, 251

Educação 1, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 43, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 110, 117, 118,

119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 210, 211, 212, 214, 215, 222, 223, 225, 226, 227, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 265, 266

Educação básica 58, 59, 70, 73, 78, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 100, 110, 117, 120, 121, 129, 130, 145, 149, 152, 159, 183, 184, 187, 189, 194, 196, 199, 203, 227, 238, 239, 240, 246, 255, 266

Educação emocional 144, 146, 147, 148, 149, 150

Educador 3, 38, 47, 74, 94, 118, 121, 123, 124, 127, 148, 161, 163, 171, 211, 223, 230, 261, 263, 266

Educando 35, 43, 54, 110, 118, 121, 122, 123, 132, 135, 140, 141, 161, 163, 177, 189, 193, 260, 261, 262, 263

Ensino 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 55, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 82, 83, 84, 85, 89, 91, 92, 96, 98, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 136, 138, 139, 142, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 166, 167, 171, 172, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 211, 225, 226, 227, 230, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 245, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 266

Ensino-aprendizagem 35, 36, 37, 42, 89, 108, 110, 116, 122, 129, 130, 131, 132, 147, 148, 158, 166, 167, 171, 184, 186, 192, 230, 251, 252, 253, 257

Escola pública 21, 22, 28, 30, 31, 34, 56, 58, 63, 74, 133, 178, 236, 265

Escolas militarizadas 235

Exame nacional do ensino médio - ENEM 105, 106

F

Formação docente 44, 98, 131, 200, 203, 253

G

Gestão democrática 25, 26, 30, 31, 33, 34, 65, 66, 67, 71, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 258, 259, 263, 264, 265

Gestão escolar 30, 33, 34, 67, 69, 184, 235, 237, 241, 256

Grandezas físicas 151, 153, 154, 155, 158

Gubernamentalidad 1, 8, 11

H

História 45, 47, 54, 55, 56, 59, 60, 63, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 130, 131, 138, 139, 182, 199, 205, 206, 207, 208, 212, 219, 220, 223, 230, 232, 234, 244

I

Infância 100, 101, 119, 123, 127, 144, 146, 147, 148, 149, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 216, 217, 262

Intolerância religiosa 44, 45, 51

L

Lei 12.711/16 14, 17

Língua portuguesa 103, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 199

Lúdico 123, 130, 144, 145, 147, 148, 150, 225, 226, 229, 230

M

Método de alfabetização 99, 101, 102

Metodologia ativa 35, 40, 42, 43

Música 54, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 206, 207, 210, 211, 212

N

Nativos digitais 166, 167, 168, 171, 172

P

Pedagogia 1, 2, 44, 47, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 118, 129, 130, 132, 142, 149, 150, 164, 165, 174, 175, 188, 192, 198, 205, 210, 223, 235, 243

Perspectiva 7, 18, 32, 62, 88, 91, 94, 96, 97, 98, 116, 131, 143, 147, 148, 149, 154, 158, 163, 164, 186, 188, 200, 207, 227, 238, 241, 242, 255, 264

Poscolonialidad 1

Práticas 25, 27, 28, 36, 37, 38, 51, 52, 55, 72, 83, 84, 95, 96, 97, 106, 111, 118, 122, 125, 126, 131, 132, 133, 140, 142, 149, 152, 174, 176, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 195, 198, 207, 208, 210, 223, 226, 229, 231, 237, 244, 246, 257, 259, 260

Preconceito na escola 44

Processo de escolarização 99, 100, 178, 205

Professor 23, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 48, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 69, 71, 73, 74, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 110, 111, 116, 118, 121, 122, 124, 125, 129, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 150, 154, 157, 158, 162, 163, 167, 168, 169, 171, 188, 189, 203, 215, 216, 221, 230, 241, 266

Projeto político pedagógico 57, 58, 59, 64, 65, 69, 74, 107, 117, 201, 240, 255, 256, 257,

258, 259, 264, 265

Protagonismo 29, 35, 36, 68

Psicologia 142, 149, 150, 160, 161, 211, 217

R

Racismo 19, 45, 48, 52, 54, 55, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

S

Sala de aula 23, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 47, 48, 52, 87, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 102, 106, 110, 118, 121, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 136, 138, 150, 152, 154, 158, 166, 167, 168, 169, 170, 188, 202, 203, 214, 221, 223, 230, 234, 240, 241, 255

Sinalário 151, 153, 154, 155, 158

Sistema educacional 21, 54, 85, 91, 119, 122, 255

Sistematização 17, 20, 64, 246, 255

Sociologia 18, 44, 45, 149, 160, 161, 162, 164, 175, 199, 211

Subjetividade 1, 3, 10

T

Tecnologia 26, 27, 29, 36, 38, 43, 82, 153, 166, 167, 171, 172, 187, 189, 190, 195, 208, 212, 251, 252

Tecnologias educacionais 21, 34

Tempo livre 173, 174, 179, 180

Trabalho 22, 25, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 42, 43, 45, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 69, 70, 72, 77, 78, 84, 85, 88, 92, 96, 100, 106, 111, 114, 117, 118, 120, 122, 123, 127, 128, 131, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 146, 149, 150, 154, 158, 161, 163, 175, 176, 177, 178, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 198, 203, 204, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 222, 223, 224, 226, 235, 236, 237, 239, 240, 242, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264

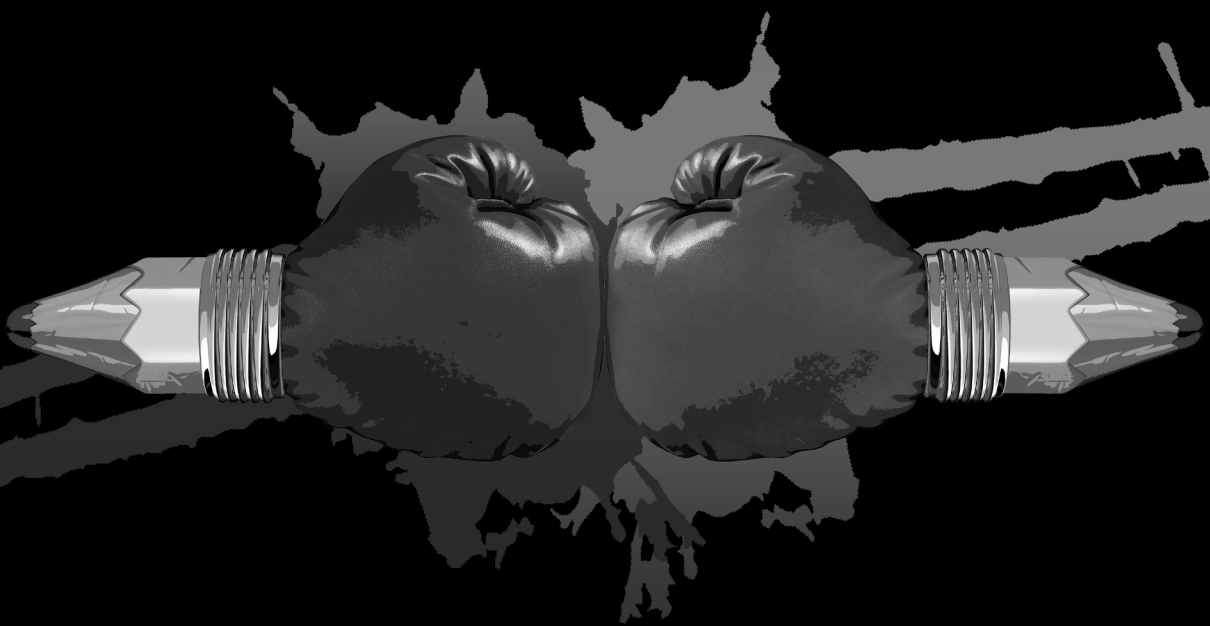
U

UAB 244, 246, 248

W

Wallon 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 141, 142, 143

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE

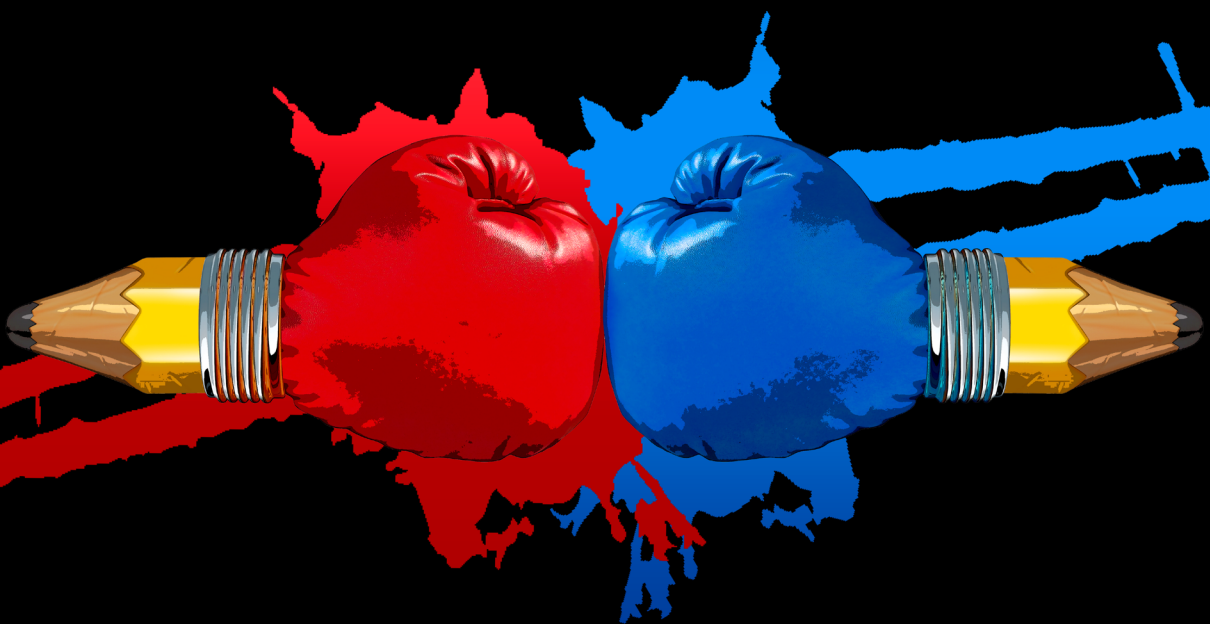


- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021